

CDU 301.185.14(81)

GUIMARÃES ROSA: FAMÍLIA E PODER

Vernaide Wanderley
Eugênia Meneses (*)

A partir da pesquisa *Identidade do Sertão Brasileiro*, de caráter inter e transdisciplinar que utilizou referenciais teóricos da Percepção do Meio Ambiente, Análise do Discurso e uma abordagem sócio-antropológica da identidade, nos propusemos a apresentar, em trabalhos seqüenciados, parte das análises ali efetuadas e que tiveram como fonte de dados obras literárias. As anteriores, sobre Ariano Suassuna — *História D'O Rei Degolado nas Caatingas do Sertão, ao Sol da Onça Caetana* — e Euclides da Cunha — *Os Sertões* — encontram-se publicadas em números anteriores desta revista.

Embora as análises tenham sido processadas através de quatro categorias — Natureza, Religião/Sobrenatural, Família e Poder —, destacamos as duas últimas para apresentação na série programada, da qual este é o terceiro e último extrato e diz respeito ao conto *Campo Geral*, contido na obra *Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa.

No decorrer do artigo encontram-se diversos números entre parênteses, que dizem respeito à página de onde foi extraída a citação.

Na Família retratada em Suassuna, o poder do sangue — origem do prestígio, das querelas, do mando, da glória e do destino — determina a forma das relações familiares; na obra euclideana, foram analisadas as relações entre o Conselheiro e sua "família" de jagunços — relações estas com forte conotação fanática. Diferentemente de ambos os casos, na obra de Rosa, as relações familiares retratam o cotidiano desse grupo primário em todas as suas nuances.

(*) Pesquisadoras do Departamento de Ciências Geográficas da Fundação Joaquim Nabuco.

Trata-se de uma família singela, de área rural, cujo chefe, não proprietário, trabalha “justado em tomar conta” na agricultura e no pastoreio. O grupo familiar é composto de pai, mãe e filhos: Miguilim, Dito, Dreina, Chica, Rosa e Tomezinho, dele também participando uma tia-avó, vó Isidra, e o tio Terêz, irmão do pai. Sem laços de parentesco, podem ainda ser incorporados ao grupo: Mãitina, que diziam negra fugida, “transmanchada de mais grosso preto, um preto de boi”, que falava “no atrapalho da linguagem dela”; os vaqueiros Jé e Saluz, presentes nos acontecimentos e reflexões da família, e não só em situações ou assuntos relativos ao trabalho; Luisaltino, que vem a ter papel relevante nos destinos da família.

Como na visão roseana não há rígida separação entre pessoas, animais e forças da natureza, que constituem um todo, podem ser incorporados à família os cachorros Cuca, Pingo-de-Ouro, Julim, Zerró e Sem Nome; o papagaio Papaco-o-Paco e o gato Sossão.

Mas, para o sentir de Miguilim, mais primeiro havia a Pingo-de-Ouro, uma cachorra bondosa e pertencida de ninguém, mas que gostava mais era dele mesmo. (...) sem atrapalhar, sem latir, ficava perto, parece que compreendia. (20)

— Quem sabe é pecado a gente ter saudade de cachorro?... (21)

Os vínculos entre os componentes são muito fortes, havendo, em cada episódio, o envolvimento integral da família, não se poupando às crianças o conhecimento de situações ou aspectos da vida — inclusive a própria morte — que, usualmente, lhes seriam ocultados. Até porque a reunião diária dos membros, sem alternativas que derivam a atenção além dos relatos atinentes ao trabalho e às suas vivências pessoais, fortalece a interação. A participação de cada um se faz efetiva e profunda. As expectativas em relação à família, para Miguilim, personagem central do relato, são de serenidade e placidez:

Parava dentro de casa, na cozinha, perto de Mãe, perto das meninas. Queria que tudo fosse igual ao igual, sem esparrame nenhum, nunca, sem espanto novo de assunto, mas o pessoal da família cada um lidando em suas miúdas obrigações, no usozinho. (58)

É nas conversas do dia-a-dia que as crianças, através dos irmãos mais velhos ou dos ascendentes, vão satisfazendo suas curiosidades, aprofundando suas inquietações, interiorizando valores, sendo constantes as alusões ao certo e ao errado, ao bem e ao mal, com freqüentes considerações em torno do pecado e do seu entendimento:

O Dito era menor mas sabia o sério, pensava ligeiro as coisas, Deus tinha dado a ele todo juízo. (21)

(...) o Dito sabia tanta coisa tirada de idéia, Miguilim se espantava. (...) A coisa mais difícil que tinha era a gente poder saber fazer tudo certo, para os outros não ralharem, não quererem castigar. (76)

— Mãe, o que a gente faz, se é mal, se é bem, ver quando é que a gente sabe? — Ah, meu filhinho, tudo o que a gente acha muito bom mesmo fazer, se gosta demais, então já pode saber que é mal feito.

— (...) Menino, o todo quanto faz, tem de ser mesmo é mal feito... (Vaqueiro Jé)

(...) Acho quando os olhos da gente estão querendo olhar para dentro só, quando a gente não tem dispor para encarar os outros, quando se tem medo das sabedorias... Então é mal feito. (Vaqueiro Saluz. (75)

E assim vão os referenciais se instalando, as influências tomando forma e, o que é notável no grupo em estudo, sendo permanentemente avaliadas as atitudes e reformulados os conceitos. O que inclui não só a coexistência, mas a verbalização de sentimentos contraditórios.

Nas relações entre os irmãos, são freqüentes a ternura e o cuidado, como se a infância, malgrado as disputas, os ciúmes, as querelas, fosse, antes de mais nada, um período de grande cumplicidade:

Drelina pegara uma das mãos dele, de junto carinhava Miguilim, na testa. Drelina era bonita de bondade. (63)

— Você me ensinazinho a dançar, Chica? (67)

O aspecto da obrigatoriedade/contradição dos afetos familiares é relatado com profundidade pelo autor. A mãe se surpreende quando Miguilim, tentando ser justo, agride um irmão para defender um estranho. Para ela, a *força do sangue* deveria ser mais determinante; Miguilim e Dito trocam confidências sobre suas malquerências com vó Isidra e tio Terêz, temem o pecado decorrente dessa atitude, mas se pacificam com a conclusão: “quando a gente crescer, a gente gosta de todos”. (36)

A identificação de Miguilim com a figura do pai, embora fossem tensas as relações entre eles, processou-se, em primeira instância, através do trabalho.

*Pai estava suado, gostava de ver Miguilim chegando com a comida do almoço (...)
Gostava do Pai, gostava até pelo barulhinho dele comendo o decomer. (69)*

Até que ouviu dele: “Teu eito é aqui — capina”. (117)

A família é, aparentemente, de jeito patriarcal, o que se configura pela autoridade do pai, conseguida a troco de prepotência e maus-tratos à mulher e aos filhos. Não há uma lógica que comande as agressões físicas, que são inúmeras ao longo do relato, sobretudo contra Miguilim, que muito sofre com o fato, “Porque a alma dele temia gritos (...) Todo grito, sobre ser, se estraçalhava, estragava, de dentro de algum macio miolo — era a começação de desconhecidas tristezas”. (58)

Os maus tratos paternos eram de extrema violência, e Miguilim não podia perdoar a omissão da mãe que, como usual na época e no modelo familiar descrito, cumpria papel mediador entre pai e filhos. Embora sofresse com ele, não ousava desafiar o pai em sua defesa, justificando-o: “Perdoa o teu Pai, que ele trabalha demais, Miguilim, para a gente poder sair de debaixo da pobreza”... (125)

Um aspecto muito presente na representação da família é o da expressão dos sentimentos, que se processa a nível do pensamento, ou a nível do comentário. Também certa perplexidade se instala quando os fatos levam à reformulação das emoções, demonstrando a usual dificuldade de convívio com o contraditório:

Ah, não fosse pecado, e aí ele havia de ter uma raiva enorme, de Pai, deles todos, raiva mesmo de ódio, ele (Miguilim) estava com a razão. (54)

— *“Pai é homem jagunço de mau. Pai não presta”. Foi o que ele disse (Miguilim), com todo o desprezo. (125) (Miguilim) não tinha certeza se estava tendo raiva do Pai para toda a vida. (116)*

E então Miguilim (doente) viu Pai, e arregalou os olhos: não podia, jeito nenhum não podia mesmo ser. Mas era. Pai não ralhava, não estava agravado, não vinha descompor. Pai chorava estramontado, demordia de morder os beiços (...) Pai gritava uma braveza toda, mas por amor dele, Miguilim. (134)

Pelo discurso das crianças, percebe-se que, em sua visão de mundo, estão presentes o enigma da gênese e do fim da vida. Embora submetidos a um sistema de controle que varia do autoritarismo do Pai (“Pai gosta que menino não fale nada desta vida!” (90) aos prometidos castigos do Pai Eterno, os meninos alimentavam seu sistema de defesa:

O Dito dizia que o certo era a gente estar sempre brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, alegre nas profundas. Podia? Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma. (138)

A ausência do pai era festejada pela descontração que proporcionava:

Então, aquela noite, sem Pai nem Vovó Isidra, foi o dia mais bonito de todos. Tinha lua-cheia, e de noitinha Mãe disse que todos iam executar um passeio até onde se quisesse, se entendesse. (93)

Lua era o lugar mais distanciado que havia, claro impossível de tudo. (94)

A expressão *até onde se quisesse* expressa a liberdade conferida ao grupo, naquela particular circunstância. É interessante ressaltar que, no trecho citado, liberdade se confunde com beleza: *foi o dia mais bonito de todos*. Com a ausência do Pai e da Avó, a noite virou dia; a lua, associada à beleza e, por conseguinte, à liberdade, era o “claro impossível de tudo”.

A figura materna, ao contrário da violência do pai, representa o sonho, o devaneio. A mãe, suspirosa, encafuada no quarto, chorava constantemente, também apiedada do sofrimento dos filhos. Falava de lugares distantes, outros, e de seu desejo de conhecê-los. Sair do Mutum, para ela, representa simbolicamente seu desejo de libertar-se da situação presente. Há, no texto, várias insinuações à infidelidade da mãe, “filha de mulher-atoa”, que, concretizadas ou não, puseram em cheque a estabilidade familiar:

— *Pai está brigando com Mãe. Está xingando ofensa, muito, muito. Estou com medo, ele queria dar em Mamãe...* (21)

— *Eu acho, Pai não quer que Mãe converse mais nunca com o Tio Teréz... Mas está soluçando em pranto, demais da conta. Miguilim entendeu tudo tão depressa, que custou para entender. Arregalava um sofrimento.* (22)

A partir do entendimento, é como se Miguilim se pusesse em permanente estado de alerta, o que pode ser percebido não só a partir do discurso consciente, mas pela livre associação. Quando o Tio Teréz perguntou pela mãe, o pensamento de Miguilim derivou:

Tatu-de-morada era o que assistia num buraco exato, a gente podia abrir com ferramenta, então-se via: o caminho comprido debaixo do chão, todo formando voltas de zigue-zague (...) para eles temperarem de escapulir. (...) — e estavam assim só para morrer, o povo ia acabar com todos? (27)

Tatu: bicho escondido; ferramenta: faca?; caminho comprido: as veredas da vida; debaixo do chão: enterrado; zigue-zague: que não é reto, certo; povo: opinião pública. Além disso,

os verbos escapulir, morrer e acabar são sintomáticos em relação ao conteúdo implícito da pergunta. As crianças procuravam interceder, dentro de suas possibilidades, nos desajustes domésticos, e suas falas têm forte conotação do bem e do mal e suas associações:

Por causa de Mamãe, Papai e Tio Terêz, Papai-do-Céu está com raiva de nós de surpresa... (30)

Dito, eu fiz promessa, para Pai e Tio Terêz voltarem quando passar a chuva, e não brigarem, nunca mais... (36)

Vovó Isidra (...) ensinava alto que o demônio estava despassando nossa casa, rodeando, os homens já sabiam o sangue um do outro, a gente carecia de rezar sem esbarrar. (34)

Alguém podia matar alguém, sair briga medonha, Vovó Isidra tinha agourado aquelas coisas, ajoelhada diante do oratório — do demônio, de Caim e Abel, de sangue de homem derramado. (72)

O contato de Miguilim com a morte do irmão Dito e a do pai leva, através da narrativa de Rosa, a várias considerações sobre o vazio, a perda, e as tentativas de reequilíbrio do personagem:

uma noite o gato Sossõe apareceu, deitado no lugar que tinha sido no Dito, no canto, aqueles olhos verdes no escuro silenciando demais, ele tão bonito, tão quieto. (118)

— Escuta, Miguilim, sem assustar: seu Pai também está morto (...) Mas Deus não morre, Miguilim, e Nosso Senhor Jesus Cristo também não morre mais, que está no Céu, assentado à mão direita!... Reza, Miguilim. Reza e dorme! (137)

Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu para pagar nossos pecados e nos salvar, não morre mais. É, portanto, um Pai im-

perdível, um pai para sempre. Miguilim, portanto, não está órfão.

Para se separar da família, a convite do doutor do Curvelo, Miguilim muito sofreu: "sua alma, até ao fundo, se esfriava". Só decidiu-se depois do conselho da mãe: "Um dia todos se encontram"... (140)

O autor se esmera em apresentar, com grande conteúdo poético e em exíguo cenário — o Mutum — os medos, as ansiedades, as inseguranças e as fantasias dos seus personagens, em particular, e do grupo familiar que é, nesse momento, nosso foco de estudo. Das três obras analisadas, é no conto de Rosa que a categoria família apresenta maior oportunidade de aprofundamento: por ausência de relações com o mundo exterior ao Mutum, é como se o universo ali fizesse morada. A família é o agente socializador por excelência, uma vez que inexistem o grupo de vizinhança, a escola, as claquês, a influência dos meios de comunicação.

Para proceder à análise da categoria Poder em Rosa é necessário, inicialmente, relembrar a característica de isolamento do cenário da história: o Mutum, um pé-de-serra onde as relações explicitadas no enredo são, predominantemente, locais. Participam, episodicamente, alguns personagens externos, que representam um tênue elo com o mundo. Os vaqueiros, pela predominância de laços primários nas áreas rurais, podem ser, de certa forma, incorporados ao universo familiar.

Ao longo da narrativa, vai-se configurando a presença de um poder singular, não dicotômico (não obedece ao esquema dominante/dominado), cuja presença se afirma através de focos e formas distintas de relações diversificadas de poder. Este, no enfoque adotado (FOUCAULT, 1979), constitui uma prática social construída historicamente.

Embora a narrativa não tenha marco temporal definido, podemos considerar o Mutum como um território, admitindo que o poder nele se exercita através de relações. Sendo as ligações do cenário com o contexto pouco remarcadas, tendo o autor optado pelo mergulho psicológico das personagens, as análises serão efetuadas sobretudo a nível das relações familiares, que constituem um microterritório. Tentaremos apreender o exercício do poder no Mutum, através dessa trajetória familiar, onde será abordada, de *per si*, cada personagem.

O poder mais marcante é o da figura paterna, exercitado pela violência, agressividade e capacidade de incutir medo, o que se acopla à imagem da autoridade masculina numa sociedade patriarcal:

Diante do pai, que se irava feito um fero, Miguilim não pôde falar nada, tremia e soluçava; e correu para a mãe, que estava ajoelhada encostada na mesa, as mãos tapando o rosto. (22)

Era dia-de-domingo, Pai estava lá, veio correndo. Pegou o Miguilim, e o levou para casa, debaixo de pancadas. Levou para o alpendre. Bateu de mão, depois resolveu: tirou a roupa toda de Miguilim e começou a bater com a correia da cintura. Batia e xingava, mordida a ponta da língua, enrolada, se comprazia. Batia tanto, que Mãe, Drelina e a Chica, a Rosa, Tomezinho, e até vovó Isidra, choravam, pediam que não desse mais, que já chegava. Batia. Batia, mas Miguilim não chorava. Não chorava, porque estava com um pensamento: quando ele crescesse, matava Pai. (124)

Essa revanche idealizada para um tempo futuro provavelmente amenizava o sentimento de dor de Miguilim e o apaziguava de remorsos presentes. Outra oportunidade de revanche seria a hora da sua morte — a morte, nos dois casos, funcionando como o poder final:

Pai já estava encostado nele, como um boi bravo. Miguilim desquis de estremecer, ficou em pau, como estava. Já tinha resolvido: Pai ia bater, ele aguentava, não chorava, Pai batia até matar. Mas, na hora de morrer, ele rogava praga sentida. Ai Pai ia ver o que acontecia. (129)

Mas o pai não devia de dizer que um dia punha ele Miguilim de castigo pior, amarrado em árvore, na beirada do mato. (24)

A postura de mando e força do chefe contrapunha-se um poder exercitado por mulheres de várias gerações: — a mãe, a vó Isidra, Mãitina (agregada), Rosa (irmã de Miguilim). A primeira usava o poder de sonhar, de trair: ficava alheia pelos cantos, ensimesmada, com o Tio Teréz vivendo suas histórias, “agravada de calundu e espalhando suspiros, lastimosa”. Omi-

tia-se diante das lutas familiares: não exercitava seu poder de mediação, desusava o de esbarrar a violência:

A mãe o olhava com aqueles tristes, e bonitos olhos. Mas Miguilim também não gostava mais da Mãe. Mãe sofria junto com ele, mas era mole — não punia em defesa, não brigava até ao fim por conta dele, que era fraco e menino, Pai podia judiar quanto queria. (125)

Vovó Isidra, a matriarca, ocupando o espaço da mãe ausente, exerce sua autoridade com todos da família. Tem poder de compreensão e de antecipação, o bastante para inquirir, propor, exigir. Rezando e resmungando, “vovó Isidra quase vez nenhuma abria a janela, ela enxergava no escuro”:

Mas falava, com uma curta brabeza diferente, palavras raspadas. Forcejava que tio Terêz fosse embora, por nunca mais, na mesma da hora. Falava que por umas coisas assim é que há questão de brigas e mortes, desmanchando com as famílias (27). Vovó Isidra colava nele o peixe daqueles olhos bravos dela, que a gente não gostava de encerrar (...) (32)

Vovó Isidra todos vigiava. (52)

Vó Isidra não batia. Ela sabia, tinha a força moral, tinha a força do controle e, com ele, pretendia proteger a família dos males que diagnosticava. Entre eles, Mãitina, com Mãitina quem quizilava, entendendo do desconhecido dialeto que falava serem comunicações com o demo:

Traste de negra pagã, encostada na cozinha mascando fumo e rogando para os demônios dela, africanos! Vem ajoelhar gente, Mãitina! (33)

Vovó Isidra ralhava. E reprovava Mãitina, discutindo que Mãitina estava grolando feias palavras despautadas, mandava Mãitina voltar para a cozinha, lugar de feiticeiro era debaixo dos olhos do fogo, em remexendo no borralho! (34)

Quanto à Mãitina, esta detinha o poder de comunicação com o sagrado, com o desconhecido. E não um sagrado exercitado coletivamente, alquebrado pelo cotidiano: um sagrado de sua propriedade, único, singular. Os poderes de Mãitina assustavam e atraíam. Ela: personificação do bem e do mal. Era tão velha, nem sabia que idade. "Diziam que ela era negra fugida, debaixo de cativoiro (25) (...) era preta de um preto estúrdio, encaçado, transmançada de mais grosso preto, um preto de boi". (33)

— *Eu gosto de Mãitina! Ela vai para o inferno?*

— *Vai, Dito, ela é feiticeira pagã (...)* (36)

... Mãitina estava pondo ele no colo, macio manso, e fazendo carinhos, falando carinhos, ele nem esperava por isso, isso nem antes nem depois nunca não tinha acontecido. O que Mãitina falava: era no atrapalho da linguagem dela, mas tudo de ninar, de querer-bem, Miguilim pegava um sussu de consolo, fechou os olhos para não facear com os dela, mas, quisesse, podia adormecer inteiro, não tinha mais medo nenhum, ela falava a zúo, a zumbo, a linguagem dela era até bonita, ele entendia que era só de algum amor. (48)

E mais um personagem mulher, a Chica, irmã de Miguilim: possuía o poder da rebeldia, que expressava em formas distintas, segundo a ocasião, variando da má-criação ao blefe, mas significando, em relação ao interlocutor, um embate de poderes:

Ela aprontava birra, encapelava no chão, capeteava; mordida as pessoas, não tinha respeito nem do pai. (24)

Um dia Pai tinha zangado com a Chica, puxou orelha; depois Pai precisou de beber água, a Chica foi trazer. Ei que, no meio do corredor, a Chica de raiva cuspiu dentro e mexeu com o dedinho, para Pai não saber que ela tinha cuspidido. (26)

Na proposta de Foucault, o poder não é centralizado, hegemônico, mas tem uma exigência própria e formas específicas de expressão, em diferentes níveis, exercitando-se de forma difusa, como uma malha. Nessa perspectiva, continuamos a análise dos demais personagens, entre eles o Dito. Dito: o poder de discernir, o poder de ser confiável para seus pares. Conselheiro e juiz:

Quando o Dito falou, aquilo devagar ainda podia parecer justo, o Dito sabia tanta coisa tirada de idéia, Miguilim se espantava. (76)

— *Dito, mesmo você acha, eu sou bobo de verdade?*

— *É não, Miguilim, de jeito nenhum. Isso mesmo que não é. Você tem juízo por outros lados... (74)*

É importante registrar a forma minuciosa e profunda com que o autor faz a caracterização dos personagens, permitindo a apreensão de nuances, sentimentos, posturas.

Miguilim, o que podia “brincar de pensar” e sua poesia: o poder de apreender o belo, do nada fazer um tudo.

Naquele quintal estava um peru, que gruziava brabo e abria roda, se passeando, pufo-pufo — o peru era a coisa mais vistosa do mundo, importante de repente, como uma estória (...) (16)

Também o poder do peru, dono do terreiro no momento da roda.

No esquema teórico referido, é também abordado o aspecto não repressivo do poder: sendo só repressivo, não seria obedecido. O poder tem, também, a propriedade de permear, de produzir coisas, de induzir ao prazer, formar saber e produzir discurso, levando à descoberta de problemas específicos e de aspectos inusitados, à abordagem do não universal, numa tentativa de desvincular o poder da verdade das formas hegemônicas onde se situa momentaneamente.

Miguilim e seu poder de dividir alegrias. Com o vaqueiro Saluz:

— Miguilim, isto é o gerais! Não é bom?
(128)

Perto deles, bezerrinho preto abria os beijos, quase ria — banguelo; esse levantava o rabinho e com ele, por cima, dava uma laçada. Mais perto, pertinho, um novilho branco comia as folhas do cabo-verde-do-campo — aquela moita enorme, coberta de flores amarelas. E o sol batia nas flores e no garrote, que estava outro amarelo de alumiado. (127/128)

De maior poder deu-se conta Miguilim, quando, entre suores, sem confiar sequer no Dito, decidia sozinho se entregaria ou não o bilhete enviado pelo tio Terêz para mãe. Ali estaria, talvez, a libertação da mãe, para que não mais fosse maltratada pelo pai; mas poderia também ser a gênese de grandes desgraças, aquelas coisas de Caim e Abel, de que a vó Isidra falava. É muito evidente, no conflitante processo de decisão vivenciado por Miguilim, o poder dos valores, sejam eles religiosos, de lealdade, de justiça, de honra, de companheirismo:

Mas não podia contar nada a ninguém, nem ao Dito, para Tio Terêz tinha jurado. (...) Mas não podia entregar o bilhete à Mãe, nem passar palavra a ela, aquilo não podia, era pecado, era judiação com o Pai, nem não estava correto. (...) Rasgava o bilhete, jogava os pedacinhos dentro do rego, rasgava miúdo. E Tio Terêz? Ele tinha prometido ao Tio Terêz, então não podia rasgar. (...) Tio Terêz tinha falado feito numa estória: — “amigos de todo guerrear. (...)” (72)

As relações estabelecidas fundamentalmente em torno do trabalho englobavam a família e os agregados. Os vaqueiros Jé e Saluz participavam ativamente da vida do grupo familiar analisado, sendo lembrados e louvados por seus componentes. O vaqueiro Jé consolando Miguilim no jogo em que, como parceiros, perderam de Dito e vaqueiro Saluz. Numa alusão maliciosa, o autor demonstra, através de ditado popular, a distribuição usual de poderes e o preconceito:

Faz mal não, Miguilim, hoje é dia de são-gambá: é de branco perder e preto ganhar... (75)

Na relação com o mundo exterior, o vaqueiro Saluz alertou Miguilim para a possibilidade de equívocos:

— Um vê, Miguilim, é boiadao grande: o chão treme! Mas isto aqui é uma boiadinha alheia. (127)

Discurso que corroborou antiga conversa de Miguilim, que pensava o pai dono daquelas vastidões, com o Dito:

— Pai é dono nenhum, Miguilim: o gadame é dum homem, só Sintra, só que Pai trabalha ajustado em tomar conta, em parte com o vaqueiro Saluz. (74)

As relações com o mundo exterior ao Mutum resumiam-se no contato com algumas pessoas: Sô Sintra, o dono das terras e do gado, figura quase lendária por ausência; o doutor José Lourenço, do Curvelo, que aparece com o poder das lentes, dos óculos que fizeram Miguilim enxergar diferentemente o mundo; seo Aristeu e seo Deogracias da botica, exercitando em várias frentes sua cidadania, este último com o poder de cura, da denúncia, do saber:

Luisaltino tornou a selar cavalo, ia tocar de galope, para buscar seo Aristeu, seo Deogracias, trazer remédio de botica. (106)

Foucault (1974) estabelece uma relação entre saber e verdade — uma verdade expressa diferentemente por cada sujeito. O conhecimento seria contra-instintivo, inventado, seria a luta, o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos.

— Pois é, seo Nhô Berno, (fala seo Deogracias) isto aqui vai acabar, vai acabar... Não tem recursos, não tem proteção do alto, é só trabalho e doenças, ruindades ignorâncias... De primeiro, eu mesmo pensei de poder ajudar a promover alguma melhora, mesmo

pouca. Ah, pensei nisso, mas foi nos ocos da cabeça! Agora... O que eu sei, o que há, é o mundo por se acabar... (117)

— “Seo Deogracias, o senhor que sabe escola, podia querer ensinar o Miguilim e o Dito algum começo, assim vez por vez, domingo ou outro, para eles não seguirem atraso de ignorância?” (43)

Seo Deogracias ficava brabo: agora estava falando da falta de providências para se pegar criminosos, tão brutos, feito esse Brasilino Boca-de-Bagre, que cercava as pessoas nas estradas, roubava de tudo, até tinha aparecido na vereda do Terentém, fazedor de medo, deram em mão o que ele quis, conduziu a mulher do Zé Ijim, emprestada por três dias, devolveu só dali a quase mês! (42)

Brasilino Boca-de-Bagre: o poder de infringir normas e descumprir tratos. Ao pai de seo Soande, pode ser conferido o poder de desejar o novo: a vontade de antecipar, de experimentar o gosto do desconhecido, a manipulação do destino, a partir de uma auto-avaliação que lhe foi favorável:

Do pai de seo Soande vivo, estória do homem boticário, Soande. Esse, deu um dia, se prezou que já estava justo completo, capaz de navegar logo p'ra o céu, regalias altas; como que então ele dispôs de tudo que tinha, se despediu dos outros, e subiu numa árvore, de manhã cedo, exclamou: — “Belo, belo, que vou para o Céu...” — e se soltou, para voar; descaiu foi lá de riba, no chão muito se machucou. (51)

E o poder religioso, incompreensível, inquestionável, com sua riqueza, suas alianças e sua pompa, fortalecido pela subserviência dos fiéis:

Relebrável era o Bispo — rei para ser bom, tão rico nas cores daqueles trajes, até as meias dele eram vermelhas, com fivelas nos

sapatos, e o anel milagroso, que a gente não tinha tempo de ver, mas que de joelhos se beijava. (16)

Como reagir a tantos poderes, tão vários, tão múltiplos? Miguilim, despojando-se de tudo que amava, Miguilim, o contrapoder, o que transformou seu amor em raiva depois que o Pai pisou em suas gaiolas, espedaçando-as, a violência gerando mais violência:

Então Miguilim saiu. Foi ao fundo da horta, onde tinha um brinquedo de rodinha-d'água — sentou o pé, rebentou. Foi no cajueiro, onde estavam pendurados os alçapões de pegar passarinhos, e quebrou com todos. Depois veio, ajuntou os brinquedos que tinha, todas as coisas guardadas — os tentos de olho-de-boi e maria preta, a pedra de cristal preto, uma carretilha de cisterna, um besouro verde com chifres, outro grande, dourado, uma folha de mica tigrada, a garrafinha vazia, o couro de cobra-pinima, a caixinha de madeira de cedro, a tesourinha quebrada, os carretéis, a caixa de papelão, os barbantes, o pedaço de chumbo, e outras coisas, que nem quis espiar — e jogou tudo fora, no terreiro. E então foi para o paiol. Queria ter mais raiva. (130)

Por fim, o poder último, o poder de migrar: em busca de uns óculos, de uma prometida escola, com um homem desconhecido, para um lugar desconhecido:

Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar. Vai. Fim do ano, a gente puder, faz a viagem também. Um dia todos se encontram... (140)

Na terra? No céu? É necessário remarcar o fatalismo, a Força Maior que permeia as interpretações dos fatos: “Foi Deus quem quis”. “Se Deus quiser”, uma das formas de o sujeito se tornar passivo na história:

Miguilim abraçava todos, um por um, dizia adeus até aos cachorros, ao Papaco-o-Paco, ao gato Sossõe que lambia as mãozinhas se asseando. (...) E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longe, o gado pastando perto de brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutum era bonito! (...) Olhou o redondo de pedrinhas, debaixo do jenipapeiro. (142)

O poder de voltar?

Façamos nossas as palavras de Foucault: “o indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidade, movimentos, desejos, forças” (FOUCAULT, 1979, p. 161).

BIBLIOGRAFIA

- BOUVIER, P. *Représentation. Sociétés, Paris, v. 1, n. 1, dez., 1984.*
- BRAGA, M. L. *Santaella. Produção de linguagem e ideologia. São Paulo: Cortez, 1980.*
- COLLOT, Michel. *Points de Vue sur la Perception des Paysages. L'Espace Geographique, n. 3, p. 211-217, 1986.*
- CREMA, Roberto & BRANDÃO, Denis M. S. (orgs.). *O Novo Paradigma Holístico: Ciência, Filosofia, Arte e Mística. São Paulo: Summus, 1991.*
- DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre. Paris: PUF, 1952.*
- FAAR, R. *Les Représentations Sociales. In: MOSCOVICI, Serge et alli. Psychologie Sociale. Paris: PUF, 1981.*
- FRÉMONT, Armand. *A Região Espaço Vivido. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.*
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.*
- . *A verdade e as formas jurídicas. Cadernos da PUC. Rio de Janeiro: 16:23-40, 1974. Conferência II.*
- GRIMBERG & GRIMBERG. *Identidad y Cambio. Buenos Aires: Ediciones Kargieman, 1971.*
- JOACHIM, Sebastien. *A modernidade e o método interdisciplinar. CLIO — Revista de Pesquisa Histórica — UFPE. Série História do Nordeste. Recife, n. 12, p. 165-175, 1989.*

JODELET, Denise. *Représentation Sociale: Phénomènes Concept et Théorie.* In: MOSCOVICI, Serge et alli. *Psychologie Sociale.* Paris: PUF, 1981.

MEINIG, Donald W. (Ed). *The Interpretation of Ordinary Landscapes. Geographical Essays.* New York: Oxford University Press, 1979.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. *Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade do Seminário de Tropicologia.* Ciência & Trópico. Recife, v. 14, n. 1, p. 27-31, jan./jun., 1986.

OLIVEIRA, Livia de. *Contribuição de Estudos Cognitivos à Percepção Geográfica.* Geografia, v. 2, n. 3, p. 61-72, abr., 1977.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social.* São Paulo: Pioneira, 1976.

—————. *Identidad étnica, identificación e manipulación.* América Indígena, México, v. 31, n. 4, p. 923-953, out., 1971.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A análise do discurso: algumas observações.* Revista Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 105-126, 1986.

—————. *A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

RAFFESTIN, Claude. *Paysage et Territorialité.* Cahiers de Géographie de Québec. Québec, v. 21, n. 53-54, p. 123-134, sep./dec., 1977.

ROSA, João Guimarães. *Campo Geral.* In: Manuelzão e Miguilim. 9a. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 11-142.

SUASSUNA, Livia. *Em Busca do Sentido a Partir da Dispersão do Sujeito.* Revista da FEC do ABC. São Caetano do Sul, a. 3, p. 39-54, out., 1986.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.* São Paulo: DIFEL, 1983.

—————. *Topofilia. Um Estudo da Percepção. Atitudes e Valores do Meio Ambiente.* São Paulo: DIFEL, 1980.

